



EPEPE
ENCONTRO DE PESQUISA
EDUCACIONAL
EM PERNAMBUCO

Educação e Desenvolvimento
na Perspectiva do Direito à Educação

Eixo 10 - EDUCAÇÃO E SUAS TECNOLOGIAS

UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

Jeanynni Fortunato Severo – UFRPE-UAG

Aliete Gomes Carneiro Rosa – UFRPE-UAG

RESUMO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa realizada com alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública na cidade de Garanhuns-PE. Na oportunidade, procurou-se analisar como ocorre a inserção dessas tecnologias e suas aplicações didáticas influenciam no processo de ensino da língua materna e na formação dos alunos. Para tanto, a metodologia de trabalho consistiu na observação do contexto de ensino-aprendizagem na qual a turma estava inserida. Nele, observamos os alunos, a docente e suas concepções de ensino de língua (apoiadas pelas novas tecnologias e práticas de letramento digital na educação básica) a partir do uso dos recursos tecnológicos. Como base teórica, usamos os estudos de pesquisadores da área de tecnologias na educação como Kenski, 2008; e Leite, 2011. Assim, este trabalho se caracteriza como pesquisa ação, bem como um estudo que se utiliza de instrumentos de observação e entrevistas. Desse modo, é possível depreender que as novas tecnologias vêm contribuindo para o letramento mais amplo dos educandos, além de proporcionar o letramento digital dos mesmos.

Palavras-chave: Educação, tecnologias, recursos tecnológicos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa sobre as potencialidades do uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem da língua materna. Neste sentido, buscamos identificar como ocorre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC daqui em diante) no contexto da sala de aula.

Tendo em vista o crescente acesso às TIC e sua implantação nos meios sociais, deparamo-nos com uma nova realidade: o uso das tecnologias no ambiente escolar. Muitos são os investimentos no que se refere à implantação dessas TIC na escola, uma realidade quem tem sido vivida por muitos estudantes e professores do município de Garanhuns, Pernambuco.

As escolas estão cada vez mais inserindo novos recursos tecnológicos em suas salas de aula e no ambiente escolar como um todo, pois o uso das TIC contribui, como aponta Masetto (2006), para uma melhor dinâmica da sala de aula, auxiliando o docente quanto à motivação e ao interesse dos estudantes em participar ativamente das atividades desenvolvidas no contexto escolar, além de possibilitar a docentes e discentes situações vinculadas à nova realidade de estudo, pesquisa e uma maior relação com os conhecimentos produzidos.

Quanto a esta nova realidade de estudo, podemos dizer que o uso destes equipamentos tecnológicos, no ambiente escolar, vem criando novas possibilidades e desafios tanto para professores como para estudantes, pois a frequência de uso das TIC (sejam computadores, tablets, smartphones etc.), oferta-nos uma nova realidade cuja 'tela' é o principal agente de troca de informações, pois é nela, e através dela, que o conhecimento vai se formatando, com novas leituras e novas condições de escrita.

Sendo assim, deparamo-nos com as novas possibilidades e desafios que o uso das tecnologias em sala de aula nos impõem, pois a partir da utilização das TIC como recursos para o ensino é que serão, novamente, definidas as relações entre o conhecimento, a ser ensinado, o professor e os estudantes (KENSKI, 2008).

1. NOVOS RECURSOS NO AMBIENTE ESCOLAR

A inserção das tecnologias de informação e comunicação na escola tem ao longo dos anos modificado a dinâmica pedagógica e alcançado uma dimensão considerável no que diz respeito à apreensão desses recursos por parte da comunidade escolar. Cada vez mais a tecnologia integra a vida de alunos e professores, ampliando as possibilidades na forma de aprender e ensinar. Tais recursos vêm motivando novos formatos de transmitir e agregar conhecimento e este avanço, por sua vez, atinge as mais variadas áreas e meios sociais, integrando o que antes se restringia aos ambientes de pesquisas avançadas, ou mesmo aos extratos sociais mais privilegiados.

Assim, por se fazerem marcadamente presentes no nosso cotidiano, as tecnologias¹ não são consideradas como novas, uma vez que já foram assimiladas e incorporadas ao nosso cotidiano e, por este motivo não podem ser vistas como um extrato tecnológico inédito e dissociado das práticas diárias e pedagógicas. O exemplo mais próximo de nossa realidade é o próprio uso que fazemos dos mais variados equipamentos tecnológicos (em nossas residências, em nossos trabalhos e até mesmo nas compras no mercadinho da esquina, nos grandes centros comerciais) que nos direcionam ao reconhecimento e manejo constante dessas ferramentas.

Diante disso, percebemos que as tecnologias, à medida que modificam a sociedade, de certo modo sugerem novas possibilidades de interação e produção de trabalho. Sabemos, pois, que o uso de aparelhos digitais já é realidade firmada em todas as áreas de convivência da sociedade, seja na família, no trabalho, na igreja ou mesmo nas escolas, compreendemos a importância de termos a tecnologia como aliada e do quanto é oportuno conhecê-la e saber o que se pode fazer com ela, pois, apenas os que se fazem conhecidos, podem atuar como parceiros. Neste sentido, Kenski (2008) diz que

Na atualidade, o surgimento de um novo tipo de sociedade tecnológica é determinado principalmente pelos avanços das tecnologias digitais de comunicação e informação e pela microeletrônica. Essas novas tecnologias - assim consideradas em relação às tecnologias anteriormente existentes -, quando disseminadas socialmente, alteram as qualificações profissionais e a maneira como as pessoas vivem cotidianamente, trabalham, informam-se e se comunicam com outras pessoas e com todo o mundo. (p. 22)

Dentre estas mudanças, deparamo-nos com uma nova perspectiva de trabalho e qualificação profissional no âmbito didático-pedagógico. Em virtude disso, muitos são os programas governamentais que realizam a implantação de recursos tecnológicos nas escolas e nas demais áreas sociais, oportunizando, desse modo, a produção de conhecimento a partir da relação que se estabelece entre a tecnologia e o saber socialmente construído.

Em trâmites legais, a inserção da tecnologia na escola consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei nº 9394/96, revogada pela Lei 11.274/2006, - implantada desde o Ensino Fundamental. Todas essas leis e programas governamentais que abrangem estados e municípios oferecem novas possibilidades no que se refere ao ensino. Os recursos tecnológicos disponíveis nas escolas vão desde Computadores, TVs, DVDs, Tablets até Lousas Digitais, que têm grandes possibilidades de serem utilizados como recursos didáticos. Tais recursos já são realidade na maioria das escolas do país e, portanto, em uma realidade

¹ Referimo-nos aqui às tecnologias digitais.

mais próxima, fazem parte do contexto de todas as escolas do estado de Pernambuco e de algumas escolas do município de Garanhuns.

Sendo assim, o mais recente desafio para a ensino é a utilização destes recursos no ambiente escolar de forma efetiva, pois na maioria dos casos encontramos uma realidade negativa, expressa nos casos em que a tecnologia que chega à escola tanto pode ser recebida como uma parceira ou como uma antagonista. Há casos em que tais recursos favorecem o fazer didático da escola, ao passo que em outros contextos atrapalham. Não raro, muitos objetos tecnológicos ao chegarem às escolas, são retidos e guardados, longe do contato dos alunos, sob a pena da falta de instrução (por parte da escola) para lidar com tais ferramentas e, ainda, sob o argumento de conservação dos materiais.

Ao longo dos anos, conforme foi se firmando a implantação dos recursos tecnológicos nas escolas do país, nos deparamos com a falta de pessoas qualificadas para a manutenção dos equipamentos e sua utilização prática no contexto escolar. Outra realidade muito vivenciada quanto ao uso destes recursos nas escolas, é a utilização de forma não didática das ferramentas tecnológicas. Neste sentido, Kenski (2008) afirma que

Para que as TICs possam trazer alterações no processo educativo, no entanto, elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso significa que é preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente, faça diferença. Não basta usar a televisão ou o computador, é preciso saber usar de forma pedagogicamente correta a tecnologia escolhida. (p. 46)

Em função disso, compreendemos que as novas TIC facilitam o trabalho dos professores, porém é necessário que estes tenham uma nova formação didática que ajude na utilização das tecnologias em sala de aula. Não podemos pensar no uso das TIC na educação sem uma finalidade definida, assim como não podemos depositar nos recursos tecnológicos toda a esperança de melhoria no ensino e, por conseguinte, da educação. Não podemos, portanto, considerá-los como a salvação do ensino nas escolas. Assim, é sobre esse aspecto que Masetto (2006, p.144) afirma:

É importante não nos esquecermos de que a tecnologia possui um valor relativo: ela somente terá importância se for adequada para facilitar o alcance dos objetivos e se for eficiente para tanto. As técnicas não se justificam por si mesmas, mas pelos objetivos que se pretende que elas alcancem, que no caso serão de aprendizagem.

Ainda nessa linha de pensamento, é possível assinalar que muitas vezes o uso das TIC nas escolas se faz como um meio de distração para os estudantes, ou mesmo como uma ferramenta apenas lúdica, que fará com que a aula seja mais interessante, ainda que preserve seu caráter tradicional. Neste sentido, Leite (2011, p. 66) defende a ideia de que a mídia não deve ser utilizada na sala de aula apenas como mais um recurso para tornar a aula interessante

e distrair os alunos. Os recursos tecnológicos devem ser vistos como meios que contribuem no processo de ensino-aprendizagem e não como um recurso pronto e acabado que tem fim em si mesmo, ao qual o professor se mostra alheio e/ou impotente.

Portanto, nessa dinâmica de recepção e apropriação de saberes, temos o professor como protagonista de criação de uma nova perspectiva de educação em rede que, diante de muitos meios e muitas comunicações sugere a integração e convergência de meios e linguagens.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi realizada sob o tipo pesquisa-ação que, conforme Lewin (1944, apud ANDRÉ, 2008, p.31) indica seus traços essenciais: análise, coleta de dados e conceituação dos problemas; planejamento da ação; execução e nova coleta de dados para avaliá-los; e quando necessário repetição desse ciclo de atividades. Neste sentido Thiollent (1988, apud OLIVEIRA, 2008, p.74) afirma que “a pesquisa-ação implica a efetiva participação do pesquisador [...] os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

Para o desenvolvimento do trabalho, o universo da pesquisa foi uma escola da rede pública de ensino do município de Garanhuns – PE. Esta foi escolhida sob o critério de ter sido campo de atuação da pesquisadora durante o projeto do PIBID (2012 - 2013), a qual tinha como foco a utilização das TIC no ambiente escolar, e que trouxe a possibilidade de intervenção de forma prática no contexto pesquisado.

Os dados foram obtidos a partir de: (i) observações de campo em uma sala do 3º ano do Ensino Fundamental, na qual estavam matriculadas 26 crianças, com uma faixa etária de 8 a 12 anos; (ii) entrevista com a educadora responsável pela turma em questão e com os discentes; Entrevistas de caráter semiestruturado, e (iii) aplicação de questionários com os estudantes e a docente da turma pesquisada, sob a pretensão de identificar o nível de conhecimento a cerca das tecnologias e como ocorria o seu uso.

As observações e aplicação de questionários foram feitas durante dois meses (março e abril de 2013) sendo o acompanhamento feito duas vezes por semana, quatro horas por dia, no turno da tarde que é o período de aula da turma em questão.

3. PERFIL DO CAMPO DE ESTUDO

O campo desta pesquisa é uma escola pública da rede municipal de ensino, situada no município de Garanhuns-PE que atende a 420 estudantes nos três horários de funcionamento, nas seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), e Educação de Jovens e Adultos (1ª e 2ª fase). A instituição atende a uma comunidade de classe econômica relativamente baixa, e possui o perfil de escola inclusiva, pois recebe estudantes com as mais variadas deficiências. Quanto ao espaço físico podemos destacar que a escola em questão acaba de passar por reformas estruturais, estando dividida em: uma secretaria, uma sala de professores, uma sala para direção e coordenação, um banheiro para funcionários, uma sala de leitura, seis salas de aula, destas três com lousa digital, uma sala de recursos, uma cozinha, dois banheiros, para os estudantes, e um pátio coberto.

O objeto de pesquisa desse trabalho consistiu potencialmente na sala de aula e demais agentes do processo de ensino-aprendizagem (aluno, professor, materiais de apoio). A turma é composta por uma docente, e dois apoios para duas estudantes com necessidades especiais, e 26 estudantes, com faixa etária de 8 a 12 anos, entre eles uma deficiente mental, um deficiente intelectual, uma autista, e uma cadeirante de acordo com laudos médicos.

4. AS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA

Quanto ao acesso as TIC a sala de aula, possuía alguns aparatos tecnológicos, uns de uso comum, que fazem parte dos recursos disponíveis na escola: lousa digital, *notebook*, *data show* (que compõe a lousa digital), e acesso a rede *wifi*.

Fora os já citados, observamos ainda, a presença de aparelhos telefônicos de uso pessoal, como os celulares e *smartphones*, *tablets*, e câmera fotográfica de uso particular da docente. Assim, durante os primeiros meses da pesquisa observamos, através de observações semiestruturadas, como ocorria o uso destas tecnologias na sala de aula, tanto por parte da docente, quanto por parte dos estudantes.

As práticas diárias fizeram parte destas observações, pois o foco neste momento foi caracterizar o contexto diário da turma, assim como o uso de qualquer recurso tecnológico que fosse utilizado em sala de aula, estando relacionado, ou não, às atividades de ensino. Buscamos, assim, fazer um levantamento a cerca do uso das TIC no contexto da sala de aula, sem vincular, nesse espaço, as ações pedagógicas propriamente ditas, como são apresentadas nas descrições das aulas observadas nos trechos a seguir:

O sinal de início das aulas foi dado às 13 horas, porém os estudantes foram chegando aos poucos, de modo que a aula só começou, efetivamente, às 13h30min. Não foi realizada nenhuma atividade de acolhida, conforme os estudantes chegavam à sala, e se acomodavam, a docente iniciava uma atividade escrita no quadro-branco². A professora não solicitou que os estudantes pegassem seus cadernos, ou explicou a atividade que seria copiada, sendo assim, muitos discentes começaram conversas paralelas e brincadeiras que fizeram com que a docente chamasse a atenção dos mesmos, aproveitando este momento para explicar algumas ações que deveriam ser tomadas para a realização da atividade. Até então o único aparato tecnológico, visível, na sala de aula é o data show que compõe a lousa digital. (Diário de campo: 04/03/2013)

A aula iniciou-se às 13h40min. A docente informou aos estudantes que o horário de saída havia sofrido alterações, e sendo assim os mesmos saíam mais cedo. Não deu maiores explicações acerca do porque desta alteração. A professora pegou um livro didático de matemática e começou a copiar uma atividade no quadro-branco. Seu telefone celular tocou durante a aula, a mesma atendeu a ligação. [...] durante a aula uma estudante fazia uso do seu *smartphone*, foi observado que a mesma estava jogando, o aparelho chamou a atenção dos seus colegas de turma, o que fez com que alguns estudantes levantassem das suas cadeiras para ver e pedir para mexer no celular da estudante. Ao perceber a agitação da turma, a docente ordenou que a estudante guardasse o aparelho, informando que poderia recolher o mesmo e só devolver no fim do dia, e os demais retornassem aos seus lugares. (Diário de campo: 15/03/2013)

Alguns estudantes trouxeram seus telefones celulares para a sala de aula, é interessante observar que a maioria dos aparelhos não funciona, e são de modelos antigos, que não possuem aplicativos, apenas são utilizados como brinquedos. [...] alguns estudantes questionam que o celular do colega não "pega" e é muito "velho", porém mesmo assim o aparelho é visto como algo diferente. Sempre que a docente percebia que os estudantes estavam utilizando seus celulares, funcionando ou não, ela ordenava que os mesmos guardassem se não pegaria e só devolvia para os responsáveis. A docente ainda solicitou a atenção dos discentes e afirmou que os mesmos não aprenderiam nada com "isso", referindo-se aos aparelhos telefônicos. (Diário de campo: 18/03/2013)

Com base nessa descrição, podemos assinalar a existência de recursos tecnológicos na sala de aula, sejam eles novos ou antigos. Identificamos também, a postura da docente diante das tecnologias apresentadas em sala, mesmo agindo de forma diferenciada quanto à utilização do seu aparelho celular. Já os estudantes se utilizavam dos recursos que dispunham, como sendo uma necessidade de interagir e fazer parte do grupo seletivo dos que possuem aparelhos celulares. Isto foi observado ao analisar a postura dos que utilizavam aparelhos que não funcionavam, como forma de comprovação de ter acesso às TIC e, por este motivo, se colocavam à frente dos demais.

Conforme afirma Kenski (2008, p. 21), as tecnologias trazem modificações culturais e estas "transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social", e

² O termo quadro-branco foi utilizado, em alguns momentos das observações, por fazer referência ao uso convencional do recurso, não sendo utilizada a função multimídia e/ou *touchscreen* do equipamento.

é nesta perspectiva que analisamos o comportamento do grupo de estudantes que veem o uso e posse de aparelhos tecnológicos como uma afirmação ao grupo que pertencem e à sociedade em que vivem.

Essa sociedade é definida por Kenski (2008) como sendo determinada, principalmente, pelos avanços e usos das novas TIC, que acabam por alterar o cotidiano das pessoas através do modo como estas interagem e interferem diretamente no modo como vemos e nos portamos diante dos demais, seja nos seus trabalhos, nas suas casas, ou mesmo nas escolas.

É possível observar, inclusive, que a docente se dirige aos aparelhos celulares como "isso", usando a palavra de maneira pejorativa, numa forma de afirmar que aqueles celulares, novos ou antigos, não trariam nenhuma contribuição na formação dos estudantes. De fato, como aponta Masetto (2006), todo recurso tecnológico possui um valor relativo, não podemos apontá-los como bons ou ruins, que servem ou não, para o contexto de ensino, adequá-los aos objetivos do plano pedagógico que se pretende alcançar seria a opção mais plausível.

Ainda, os aparelhos telefônicos possuem como características básicas a facilitação da comunicação por meio de chamadas de voz e troca de mensagens de texto, além das novas possibilidades de uso que os *smartphones* oferecem, com uma variedade de aplicativos de diversas ordens e para todas as funções, que podem ser facilmente adequados às necessidades da sala de aula quando não são voltados diretamente para o uso pedagógico.

Observamos, inclusive, que a sala de aula em análise, possuía alguns recursos tecnológicos, assim como a escola de modo geral. Algumas situações chamaram a nossa atenção quanto à presença e a forma como as TIC mudaram o comportamento da turma. Destacamos aqui algumas destas situações e as trazemos como trechos retirados do diário de campo:

[...] a professora está utilizando o *notebook* da escola, porém o mesmo não está conectado à lousa digital. Enquanto ela usa o note os estudantes fazem uma atividade de cópia que lhes foi solicitado pela docente. Foi observado que a professora esta usando o equipamento com a finalidade de pesquisar textos na *internet*, para fins pessoais. A docente solicitou a ajuda de outra professora para efetuar uma inscrição via *internet*, a colega perguntou se a mesma queria aprender como fazer, porém a docente respondeu que não e afirmou o seguinte: "eu num sei mexer nessas coisas, é tudo complicado, não gosto". Durante o tempo que as professoras utilizavam o *notebook*, foi observado que os estudantes ficam olhando o equipamento e comentando, gerando assim uma agitação na turma, o que fez com que a professora chamasse a atenção de todos e solicitasse silêncio. (Diário de campo: 25/03/2013)

[...] ao voltar do recreio deparei-me com uma situação diferente do contexto normal da sala de aula. Encontravam-se na sala, além da docente e dos discentes, a diretora e a coordenadora da instituição. Uma das estudantes esta aos prantos e os demais estudantes encontram-se agitados e apreensivos. Após alguns estantes consigo

compreender a situação, o que ocorre é que a estudante em questão possui um *tablet* e o mesmo havia sumido das suas coisas, e por isso chamaram a direção da escola para tentar resolver o caso. A diretora está conversando com os estudantes e solicitou que o responsável pelo sumiço do *tablet*, o devolvesse. Porém nenhum estudante se pronunciou. E ainda deixou claro que a escola não pode se responsabilizar pelos objetos pessoais que os estudantes trazem para a escola. Por fim solicitou que os mesmos não trouxessem essas "coisas" para a escola. (Diário de campo: 29/03/2013)

É interessante observar que, na primeira situação, a docente faz uso de um recurso tecnológico disponível na escola, porém o utiliza sem fins pedagógicos. Ao notar o interesse dos estudantes no *notebook*, pelo fato de a docente estar manuseando algo aparentemente novo, a mesma não tentou interagir com os alunos para que estes também tivessem o contato, ainda que mínimo, às funcionalidades do equipamento. A simples informação da utilização do equipamento para acessar textos na *internet* já traria uma visão talvez, nova para muitos estudantes, quanto às suas funcionalidades.

Retomando as ideias de Masetto (2006, p.142), a docente deveria ter uma postura diferente diante da turma, apresentando o recurso para os estudantes e socializando com estes alguns dos conhecimentos que possui sobre o seu uso do *notebook* e suas finalidades, ainda que possua um conhecimento limitado, pois é nessa troca de informações e experiências que o conhecimento se constrói e se efetiva a aprendizagem.

Na segunda situação, localizamos uma realidade muito recorrente no ambiente escolar. Ao deparar-se com situações problemas como esta (que necessitam de uma maior atenção por parte da gestão da instituição e que na maioria das vezes está relacionada ao furto ou perda de celulares, *notebook*, *tablets*, *mp3*, etc., eletroeletrônicos em geral) a escola opta por se resguardar de qualquer responsabilidade que possa ter para com estes objetos.

Desta forma, os estudantes que teriam várias possibilidades, e maneiras, de acesso ao conhecimento, através destes equipamentos, no entanto, sentem-se amedrontados quanto ao seu uso na escola, pois não possuem um suporte da própria gestão e acabam por compreender que essas "coisas" não fazem, e nem devem fazer parte do contexto escolar. Apesar disso, acreditamos que estes equipamentos devem ser vistos como meios de facilitação da aprendizagem, a fim de integrar às práticas dos docentes em sala de aula (MASETTO, 2006).

Após concluirmos a etapa de observações, elaboramos entrevistas semiestruturadas a fim de serem aplicadas com os estudantes e a professora do 3º ano do ensino fundamenta. Para tanto, nosso objetivo foi compreender como estes sujeitos concebem o uso dos equipamentos tecnológicos (aqui já citados e que fazem parte da realidade escolar dos mesmos). Acrescentamos que neste momento nosso objetivo também consistiu em fazer

maior o levantamento das concepções tecnológicas existentes no contexto pesquisado, considerando suas finalidades e a importância dada às TIC na referida sala de aula.

Na oportunidade, entrevistamos a docente e todos os 26 estudantes que compõem a sala de aula. Para garantir que todos os dados fossem coletados, foram necessários cinco dias de aplicação das mesmas, totalizando uma média de cinco entrevistados por dia. Apresentaremos a seguir a entrevista na íntegra com a docente, para então prosseguir com a análise da mesma.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
Qual sua graduação inicial?	<i>História.</i>
Possui outra formação?	<i>Tenho magistério.</i>
Há quanto tempo você atua em sala de aula?	<i>Há 12 anos.</i>
No momento você leciona em quantas instituições?	<i>Só aqui mesmo. Mas dou aula de manhã e a tarde.</i>
Qual(is) a(s) turma(s) que você leciona?	<i>Em duas turmas do 3º ano.</i>
Qual sua concepção de ensino e o que você compreende sobre as novas tecnologias?	<i>Tudo que é novo. Esses novos aparelhos de TV, esses celulares que não tem tecla, os...os.. como é o nome? Aaa, smartphones. Os computadores, e os tablets.</i>
Quais os recursos tecnológicos que você possui em sua sala de aula?	<i>um notebook e a lousa digital</i>
Quantas vezes você utiliza a lousa digital em sua sala de aula?	<i>Uma ou duas vezes por semana</i>
Qual a finalidade da lousa digital? E os estudantes gostam quando a lousa é utilizada?	<i>Uso mais pra passar filmes. Eles (os estudantes) gostam muito, porque a aula fica mais atraente e atual, e é bom porque sai da rotina, sempre usando livros e o quadro.</i>
Você se considera incluída digitalmente?	<i>Não me considero incluída. Tenho muita dificuldade no uso dessas coisas, acho que é um bloqueio pessoal.</i>
Qual a sua concepção quanto às novas tecnologias, em especial a lousa digital, no processo de ensino-aprendizagem?	<i>Muito boa, só que os professores precisam de capacitações para esse fim.</i>

Quadro 1 - Entrevista com a docente

Em seguida, iniciamos a aplicação da entrevista com a docente e pontuamos algumas características importantes para sua identificação. A mesma tem 38 anos de idade, sendo graduada no curso de Licenciatura em História, além de possuir o curso de magistério. A professora atua em sala de aula há 12 anos, e no momento está à frente de duas turmas do 3º ano (sendo uma no turno da manhã e outra no turno da tarde) na mesma instituição de ensino.

Ainda, tratando-se da pesquisa feita à docente, indagamos sobre a sua concepção de ensino e compreensão sobre as novas tecnologias. Comungamos, assim, com as considerações de Kenski (2008), para o qual a visão que o docente possui das tecnologias e do seu uso em sala é o que vai guiar suas práticas pedagógicas até incorporá-las ao contexto de sua sala de aula. Assim, em resposta aos questionamentos obtivemos o seguinte relato:

Tudo que é novo. Esses novos aparelhos de TV, esses celulares que não tem tecla, os...os.. [...] *smartphones*. Os computadores, e os *tablets*. (Docente)

Diante dessa proposição, foi possível observar que a docente se restringiu às novas tecnologias, deixando de acrescentar a sua resposta as mais antigas como o rádio, todos os aparelhos de televisão, os modelos antigos de celulares e até mesmo os novos modelos que não possuem os padrões digitais dos *smartphones*.

Além dos modelos tecnológicos citados acima, tudo aquilo que nos cerca e que foi resultado de pesquisas e avanços tecnológicos a exemplo: a caneta, o giz, o quadro-branco, as folhas de papel, roupas, sapatos, alimentos, e tudo que faz, ou um dia fez parte das nossas vidas. No mais, observamos, neste momento, que a docente não reconheceu a lousa digital como sendo uma tecnologia.

Com isso, compreendemos que a docente já não considera tecnologia os equipamentos mais antigos ou fora dos novos padrões digitais. Neste sentido, Kenski (2008) ressalta que ao incorporar uma nova tecnologia ao seu contexto diário e ao utilizá-la sempre após certo período de uso e de adaptação, essa tecnologia será totalmente incorporada ao seu universo, ao passo que suas funções e seu manuseio não trarão nenhuma novidade ou dificuldade. Motivo pelo qual é comum a esta tecnologia não ser vista como algo novo ou mesmo como uma tecnologia propriamente dita.

Não sendo suficientes para a completude da análise, procuramos indagar a docente sobre os recursos tecnológicos que existiam em sua sala de aula. Como resposta, obtivemos a afirmação sobre a presença de "um *notebook* e a lousa digital". Mesmo não tendo citado a lousa na resposta anterior, a docente a considerou enquanto tecnologia presente na sala de aula, neste momento. Ainda a questionamos sobre com que frequência a mesma utilizava a lousa digital, tendo sobre isso afirmado a docente, que utilizava o equipamento "um ou dois dias na semana". Quanto ao uso da lousa, foi perguntado para que finalidade a mesma era utilizada, assim como o interesse dos estudantes pela utilização da mesma em sala de aula. Obtivemos a seguinte resposta:

Uso mais pra passar filmes. Eles (os estudantes) gostam muito, porque a aula fica mais atraente e atual, e é bom porque sai da rotina, sempre usando livros e o quadro. (Docente)

Ao analisarmos a resposta da docente que, por sua vez, afirmou fazer uso do equipamento tecnológico disponível na sala de aula, com a finalidade de promover uma aula diferente e mais atraente, a fim de chamar a atenção dos estudantes, entendemos a possível interpretação de o uso da lousa digital se dava sem a devida finalidade pedagógica, facilitação ou mediação com a aprendizagem dos educandos.

Vimos com base nos relatos que a concepção de utilização da lousa que a docente possui, vai de encontro ao que nos propõe Leite (2011), o qual defende o uso das TIC como algo que não seja só mais um recurso para tornar as aulas mais interessantes ou divertidas, tendo como objetivo a distração dos estudantes, pois segundo a autora, o docente deve ter conhecimento dos recursos que possuem à sua disposição de forma que possam utilizá-los de acordo com suas possibilidades didático-pedagógicas.

Apoiados na perspectiva teórica da autora, questionamos mais uma vez a docente sobre a inclusão digital e se a mesma se considerava incluída digitalmente. Interessava-nos com isso identificar a concepção de inclusão que a professora possuía, assim como sua relação com as TIC de modo geral. A docente nos deu a seguinte resposta:

Não me considero incluída. Tenho muita dificuldade no uso dessas coisas, acho que é um bloqueio pessoal. (Docente)

Diante dessa resposta é interessante observar que a docente possui uma concepção correta do que seja a inclusão digital, ainda que não faça uso dela. Para muitos, estar incluído digitalmente se restringe ao fato de ter acesso as TIC, porém é sabido que o simples acesso não garante a inclusão digital. A docente, nesse aspecto, apresenta a utilização destes equipamentos como uma dificuldade ou mesmo um problema pessoal.

Por fim, interrogamos a professora sobre a sua concepção quanto às novas tecnologias, em especial a lousa digital, no processo de ensino-aprendizagem. A docente nos deu a seguinte resposta:

Muito boa, só que os professores precisam de capacitações para esse fim. (Docente)

Com base na resposta da docente, para o questionamento feito anteriormente, observamos que mais uma vez a mesma coloca suas limitações no uso das TIC como algo a ser trabalhado, pois sente a necessidade de formação para o uso das tecnologias na sala de aula. Neste sentido, Leite (2011) coloca que o professor deve estar imerso em um contínuo

processo de alfabetização tecnológica, para que assim consiga conhecer mais as TIC e suas possibilidades de uso no ambiente escolar. Destacamos também que a docente não possui uma posição quanto ao uso das TIC no processo de ensino-aprendizagem, apenas considera boa a possibilidade de utilização das mesmas, sem fazer maiores considerações.

Apresentaremos aqui colocações de alguns estudantes, selecionando as mais utilizadas tendo em vista o quantitativo de estudantes e a necessidade de uma triagem das respostas, pois muitas possuem a mesma ideia que foi definida quase como um padrão da turma.

PERGUNTAS	RESPOSTAS		
	Estudante 1	Estudante 2	Estudante 3
A lousa digital já foi utilizada em sua sala de aula?	Já, tia já usou a lousa.	Só vi ligada uma vez, acho que tia só usou uma vez, porque não vi mais.	Não.
A professora utilizou a lousa pra fazer o que?	Ela passou um desenho pra gente assisti.	Pra passar um filme, acho que era Kikorun.	Nunca vi tia usando.
Pra que serve a lousa digital?	Serve pra passar filme.	Pra ver filme	Não sei pra que serve, tia nunca disse.
Você já utilizou a lousa digital, já toucou nela?	Não, tia não deixa a gente mexer. Porque pode quebrar.	Ela nunca deixou a gente chegar perto. Pra não quebrar.	-
Você gosta quando a lousa digital é utilizada na sua sala de aula? Por que?	Gostei sim. Porque gosto de assistir filme.	É bom porque gosto de filme e a aula fica diferente, e tia não passa tarefa.	-

Quadro 2 - Entrevista com estudantes

Inicialmente questionamos os estudantes sobre a utilização da lousa digital durante as aulas, com que finalidade foi usada, e quais as funções da mesma. Destacamos aqui algumas das respostas mais proferidas:

Já, tia já usou a lousa. [...] Acho que uma vez só. Ela passou um desenho pra gente assisti. [...] Serve pra passar filme. (Estudante 1)

Só vi ligada uma vez, acho que tia só usou uma vez, porque não vi mais (ligada). [...] Pra passar um filme, acho que era Kikorun [...] é um desenho, não lembro do que era. [...] Pra ver filme. (Estudante 2)

Não. [...] Nunca vi tia usando. [...] não sei pra que serve, tia nunca disse. (Estudante 3)

Ao analisar as respostas citadas acima, compreendemos que a lousa já havia sido utilizada na sala em questão, porém apenas uma vez até o presente momento. Nesse ínterim,

iniciamos as entrevistas no dia 08/04/2013 até o dia 22 do mesmo mês e dentre os entrevistados apenas dois falaram que nunca haviam visto a lousa digital sendo utilizada (acreditamos que por motivo de falta).

Quando questionados sobre o uso e a finalidade da lousa digital na aula, os mesmos responderam que a professora havia usado a lousa para passar filme, e sendo assim todos acreditavam que a única finalidade da lousa digital era a passagem de filmes. Um dos estudantes citou o nome do filme que haviam assistido. Quando questionada acerca do tema que o mesmo tratava, a aluna não soube responder. Deste modo, os depoimentos dos alunos não deixam claro qual a finalidade da proposta de atividade, no caso o filme, e se esta estava de acordo com as demais atividades relacionadas em sala de aula.

Ainda, questionamos os estudantes se os mesmos haviam utilizado a lousa digital, manuseado ou tocado, e se gostavam quando a lousa era utilizada nas aulas, sempre perguntando o porquê das respostas. Obtivemos as seguintes colocações:

Não, tia não deixa a gente mexer. Porque pode quebrar. [...] Gostei sim. Porque gosto de assistir filme. (Estudante 1)

Ela (a docente) nunca deixou a gente chegar perto. Pra não quebrar. [...] É bom porque gosto de filme e a aula fica diferente, e tia não passa tarefa. (Estudante 2)

Não. Tia disse que num tem pra quê (mexer). [...] Gosto, porque não estudo. (Estudante 4)

Ao observarmos estas respostas, pudemos compreender que os discentes nunca tiveram, até o presente momento, uma interação prática com a lousa digital. Como resposta para o porquê de nunca terem utilizado o recurso, todos falaram sobre a preocupação que a docente possui de danificar o equipamento. Lembramos, diante desse evento que esta visão não é nova quando o assunto é TIC.

Em contextos parecidos, não raro muitos laboratórios de informática ficam inutilizados mesmo antes de uma criança chegar a ter a oportunidade de utilizar suas máquinas. No que diz respeito à sala de aula em análise, quanto às posições sobre o uso da lousa digital, foi interessante e ao mesmo tempo decepcionante notar que os estudantes veem o uso da lousa como algo apenas lúdico, sem um fim educativo, chegando a afirmar que não estuda enquanto o equipamento é utilizado.

Sendo assim, nos focamos nos pressupostos de Masetto (2006) que coloca a tecnologia como algo de valor relativo, que não se justifica por si só, e depende de uma adequação para a finalidade que se propõe no caso à aprendizagem dos estudantes. Esses recursos tecnológicos devem trazer alterações positivas no que concerne ao processo de ensino-aprendizagem,

servindo como mediador para o alcance e entendimento dos conhecimentos por parte dos estudantes.

Portanto, com base nas observações e nas entrevistas coletadas, podemos afirmar que as TIC, apesar de fazerem parte do contexto estudado, não são utilizadas com fins pedagógicos. A docente deixa claro suas dificuldades para com estes recursos e a necessidade de uma formação adequada para o seu uso em sala de aula. Desse modo, os estudantes não compreendem a importância educacional existente nos recursos utilizados, talvez pelo simples fato do seu uso não está sendo adequado às situações de ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa efetivada, constatamos que a presença das tecnologias no contexto escolar já é uma realidade. Os investimentos governamentais no que concerne o uso das TIC na educação são cada vez maiores, e atingem cada vez mais escolas, através dos programas federais e estaduais que contribuem com a implementação de políticas públicas voltadas para o acesso as tecnologias em todas as camadas sociais, essa realidade não se restringe ao meio educacional, pois os programas visão a inclusão digital por meio de ações na sociedade de modo geral.

Também foi observável que os investimentos em recursos tecnológicos para as escolas não é uma preocupação apenas do governo federal ou estadual, mas também do governo do município em que a pesquisa foi realizada, entre eles destacamos a aquisição de lousas digitais para algumas escolas da rede municipal.

Em contra partida, observamos que investimentos quanto a formação dos docentes para o uso das TIC ainda não é o suficiente, e quando acontecem, na maioria das vezes, não conseguem atingir todas as necessidades existentes quanto ao uso das tecnologias no processo educativo. Com isso os investimentos iniciais em equipamentos acabam por não trazerem resultados pois, muitas vezes se perdem por falta de uso, e muitas vezes isto acontece pela falta de capacitações adequadas para o uso dos recursos, principalmente referente as questões pedagógicas.

Sem o devido preparo para o uso das TIC no ambiente escolar, com fins pedagógicos, os professores acabam por não fazerem uso destes equipamentos, pois desconhecem suas funções e seus atributos para o ensino. Este foi um dos aspectos mais recorrentes nesta pesquisa, pois ficou claro que muitas vezes os docentes não utilizam os recursos tecnológicos

que possuem por não compreenderem seu uso técnico, porém principalmente por não notarem nestes recursos propriedades para o ensino.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 2008.

KENSKI, V. **Educação e Tecnologias**. O novo ritmo da informação. Campinas: Papyrus, 2007.

LEITE, L. S. **Mídia e a perspectiva da tecnologia educacional no processo pedagógico contemporânea**. In: FREIRE, W. Tecnologia e Educação. As mídias na prática docente. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. Cap. 4, p. 61-78

MASETTO, M. T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In: MORAN, J. M., MASETTO, M. T., BEHRENS, M. A. (Org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 12ª Edição, 2006. Cap. 3, p. 133-173.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.